

# Um olhar sobre o Rio

Nuno Vasconcellos



Coluna publicada aos  
**DOMINGOS**

umolharsobreorio@odia.com.br

odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/  
um-olhar-sobre-o-rio

## UNIÃO DE TODOS

# UM ESFORÇO NACIONAL PELA VACINA

A Câmara dos Deputados aprovou na terça-feira passada, com alterações importantes em relação à proposta inicial, o projeto de lei que autoriza a compra de vacinas contra o coronavírus por empresas e entidades privadas. Para começar a valer, a medida ainda terá que passar pelo Senado. Ótimo. Num momento difícil como o atual, qualquer gesto de apoio à campanha de imunização merece aplausos. Isso, porém, não impede que se discuta o alcance real da medida.

De acordo com a ideia anterior, 100% das vacinas adquiridas pelas empresas seriam entregues ao SUS. Agora, apenas metade delas terá esse destino. A outra metade ficará com o comprador, que poderá utilizá-la da forma que julgar mais conveniente para imunizar seus empregados. Bastou que o projeto fosse aprovado para que, como tem acontecido desde início da pandemia, se iniciasse uma discussão motivada mais por interesses políticos do que pelo benefício que a medida pode trazer à população.

### ORISCODA ESPERTEZA

Por mais elogiável que seja, é provável que a iniciativa dos parlamentares não produza qualquer efeito prático imediato. Já faz algum tempo que entidades representativas das corporações profissionais mais influentes, bem como as empresas mais ágeis, têm recorrido à Justiça, quase sempre com sucesso, em busca de autorização para comprar as vacinas. A questão é que, ao ter em mãos a sentença favorável, elas se deparam com dois obstáculos concretos e um perigo real.

O primeiro obstáculo é a escassez mundial do produto. Os laboratórios que já tiveram suas vacinas aprovadas pelas autoridades de Saúde sequer estão dando conta de atender aos governos que desde o ano passa-

do encomendaram e pagaram pelo imunizante. A outra barreira é que, mesmo se houvesse vacinas, as farmacêuticas decidiram não vendê-las a empresas privadas — só a governos. Grandes laboratórios, como AstraZeneca e Pfizer, já informaram que não venderão vacinas a empresas e entidades brasileiras.

Esses são os obstáculos. O perigo é aparecer algum espertalhão com a promessa de conseguir o imunizante por baixo dos panos. E, pior ainda, encontrar alguém que veja nessa conversa fiada uma oportunidade de levar vantagem. Foi o que aconteceu com um grupo de empresários de Belo Horizonte. Semanas atrás, para furar a fila do SUS, cada um deles pagou R\$ 600 por uma dose do que supostamente seria a vacina da Pfizer. Acabaram recebendo uma substância que pode ter sido qualquer coisa — menos uma proteção contra a covid-19 — e ainda terão que responder por isso na Justiça.

Esse alerta não tem a intenção de atribuir inutilidade à medida aprovada pela Câmara. Ela é importante. Chegará o momento em que a oferta aumentará e os produtores se tornarão menos exigentes na escolha de seus clientes. Nessa hora, é melhor que todos possam comprar as vacinas, desde haja uma regulamentação a respeito dos pontos mais delicados. Um desses pontos é a sugestão apresentada dias atrás, de que se possa deduzir do Imposto de Renda o valor utilizado para a compra do imunizante.



Ora, se o valor será deduzido do IR quem pagará pela vacina, no final das contas, não será a empresa, mas o Tesouro. Não existe vacina privada com dinheiro público! Sem esse tipo de jeitinho, a participação da iniciativa privada na compra das vacinas será uma medida positiva, que ajudará a acelerar o ritmo da imunização. Outro risco a ser evitado é o de se tomar atitudes eloquentes que, ao invés de ajudar, acabarão atrapalhando todo o processo. Uma delas é a quebra da patente das vacinas — defendida inclusive pelo presidente da Anvisa, Antônio Barra Torres.

A intenção é nobre: apressar a produção no Brasil dos imunizantes que faltam no mundo. O problema é que, ao fazer isso, o país corre o risco de abrir uma guerra contra todos os produtores de vacina e criar uma situação que, ao invés de acelerar, retardar ainda mais o programa de imunização. Isso poderá dificultar e atrasar ainda mais a vacinação da população mais jovem, onde se concentra a maior parte da força produtiva do país. Enquanto essa população não estiver imunizada, o país não se livrará da ameaça e a Economia permanecerá parada. O que fazer?

### FORÇA-TAREFA DO BEM

É preciso, além de cobrar agilidade do governo federal, que cada

um assuma sua responsabilidade e tome as providências que estiverem a seu alcance para acelerar a imunização. Com todo respeito a quem recorreu à Justiça para ter o direito de comprar vacinas, é preciso buscar meios mais eficazes de resolver o problema. Seria importante, neste momento, que todas as entidades do empresariado se unissem numa força-tarefa do bem, que trabalharia para facilitar o acesso do país à vacina.

Entidades como Firjan, Fecomércio e Fetransportes, somadas a representantes dos exportadores, das montadoras, dos funcionários públicos, dos advogados, dos médicos e dos meios de comunicação, deveriam se sentar em torno da mesma mesa. E só sair de lá depois de definir ações concretas, que possam ajudar não o governo, mas o Brasil, a conseguir as vacinas.

Há uma série de ações que podem ser postas em prática imediatamente. Por que não utilizar, por exemplo, os canais abertos pelos empresários que transformaram o Brasil num dos maiores fornecedores de alimentos para a China e, por intermédio deles, negociar acesso mais facilitado aos produtores de vacinas e insumos farmacêuticos daquele país? Os negociadores das grandes empresas privadas brasi-

leiras, que há anos fecham negócios com os chineses, podem muito bem trabalhar em sintonia com os diplomatas e, assim, facilitar o acesso do Brasil aos imunizantes. Por que não?

Um bom acordo, feito por negociadores das empresas privadas, com o aval das entidades de classe e apoio da diplomacia brasileira, poderá desobstruir os canais entre os dois países e desfazer eventuais mal entendidos. Uma consequência imediata de um trabalho como esse seria convencer o laboratório Sinovac a tratar o Brasil como prioridade e deixar de atrasar as remessas de insumos para a produção da CoronaVac pelo instituto Butantan. Não custa tentar.

Outra ajuda importante seria, sempre a partir de uma conversa aberta e propositiva, reunir e fornecer os recursos humanos,

*“Num momento difícil, qualquer gesto de apoio à imunização merece aplausos”*

financeiros e de logística para que a Fiocruz resolva, de uma vez por todas, os problemas que continuam dificultando a produção em larga escala da vacina da AstraZeneca/Oxford no Brasil. São apenas alguns exemplos. A lista das ações possíveis é muito maior do que essa.

É hora de todos mostrarmos de que lado estamos e contribuir com o que estiver a nosso alcance para encontrar a solução. O Brasil, de um modo geral, e o Rio de Janeiro em primeiríssimo lugar, têm muito a contribuir com isso. Até porque, sem união, o melhor resultado a ser obtido é esse que está aí: cada um por si e todos expostos ao mesmo risco.

(Siga os comentários de Nuno Vasconcellos no twitter e no instagram: @nuno\_vccls)

## OPINIÃO

## Prato de sopa quente



**Gabriel Chalita**  
professor e escritor

Pela vagarosidade dos passos, já sei que é ela. A velha porta range na sonoridade do tempo. Sem solavancos. O taco antigo está acostumado com a ausência da velocidade, conquistada com o passar dos anos. Os altos sapatos já não guardam os seus pés. Ela prefere o conforto ao desfile. Embora desfile, dentro de mim, sem pausas.

São 70 anos juntos. Inês ouve pouco e, então, grita quando quer dizer. Eu me perco nos esquecimentos. Tenho a memória dos ontens. Quanto mais distante o

tempo, mais eu sei contar. Ontem, a Elaine veio nos visitar. E eu me vi perdido. Cada vez que falava um pedaço da vida, um pedaço da vida escapulia da minha lembrança. E, então, Inês, com as suas mãos desenhadas de tempo, apertava as minhas e perguntava: “Orlando, meu amor, do que você quer se lembrar?”

Inês se oferece generosa para ser minha memória. Não lembro bem o que Elaine queria. Parece que brigaram. Ela e o marido, cujo nome me foge agora. Os olhos marejados explicavam a dor. É difícil deixar de estar.

Inês fala alto tentando ouvir a dor de Elaine. É atenciosa. Sabe que ouvir é uma das mais belas expressões de amor. Amor que, por pouco, não se perdeu no barulho das escolhas não pensadas.

Eu penso nos dias em que a por-

ta se abriu e quase saímos. Ou ela ou eu. E que ventos de quentura nos convidaram. Eu era jovem, quando me engracei com uma outra mulher. Jovem e inseguro. Gostei de seduzir. E, então, quando olhei no triste olhar de Inês, chorei a dor que causei.

Ela disse nada. Sofrendo por dentro, descascava o necessário para preparar um prato de sopa quente. Eu, arrependido, desembrulhava as palavras para entregar o meu pedido de perdão. Ela ouviu. Olhou para fora do que doía e terminou o cozimento.

Sentamos nós dois e a noite. E bebemos a esperança de espantar a machucadura. Outra vez, foi ela. Em um cansaço, quis deixar o que tinha. Teve jeito de pensar e, então, permaneceu. Ela nunca disse o que havia

lá fora, e eu disse a mim mesmo que não era necessário eu perguntar.

Quando hoje nos sentamos, lado a lado, de mãos dadas, depois de 70 anos de amor, eu agradeço as limpezas que fizemos juntos e o gosto bom da permanência.

Ontem, antes da chegada de Elaine, ela arrumava os cabelos e perfumava o dia cantando alto uma música religiosa. Não me lembro de qual. Só me lembro que gostei. Sempre gosto. Ela enfeita a minha vida, estando.

Já passamos dos 90, os dois. Desisti de pensar no dia em que um ou outro vai partir. Prefiro que seja eu. As mulheres costumam viver mais. Prefiro que seja eu a preparar a casa nova em que continuaremos. Porque disso tenho certeza, continuaremos...

la me esquecendo de contar um pedaço de ontem. Elaine já estava pronta para se despedir nas inquietudes que têm as gentes que não sabem o que fazer, inda mais se tratando de paixão, quando Inês pediu a dona Elza, que conosco trabalha há muito, que cozinhasse um jantar. Elaine dizia que estava em dúvida entre permanecer ou tentar esquecer. Não entendi muito bem. Presumo que nem Inês. Só ouvi seu conselho em alto e bom som: “Não decida nada antes de um bom prato de sopa quente”.

O tempo vai escapulindo e a vida vai se repetindo. Que bom que a porta da casa está bem fechada e que, nos cômodos de dentro de mim, só há espaço para Inês.

“Orlando”, diz ela nos gritos de amor, “Venha dormir, já é noite”.

## O DIA

DISQUE REDAÇÃO: 2222-8069 E 98921-1888

ASSINATURA E ATENDIMENTO AO LEITOR: 2222-8600/2222-8650/2222-8651

### PRESIDENTE

Alexandre Donizeti

### EDITOR-CHEFE

Aloy Jupiara

### SUBCURADORES

Max Leone, Ana Carla Gomes e Paulo Ricardo Moreira

### EDITOR-ASSISTENTE DE ARTE

Alessandro Matheus

### DESIGNERS

Amaro Prado, Amaro Prado Junior, Celso Reis, Marcela Musse e Thiago Ladeira

### INFOGRAFISTAS

Francisco Silva e Paulo Márcio Esper

### DEPARTAMENTOS:

**Agência O DIA:** E-mail: [agencia@odia.com.br](mailto:agencia@odia.com.br).  
**Venda de fotos e textos:** 2222-8021, 2222-8560 e 2222-8265.  
**Fax Diretoria:** 2507-1038.

**Parque Gráfico:** 3891-6000. Av. Dom Hélder Câmara, 164 Benfica. **Gerência Industrial:** 3891-6002.  
**Gerência de Circulação e Logística:** 3891-6005.

**Preço de venda em banca:** RJ, MG, SP e ES: R\$ 1,50 (dias úteis) e R\$ 3 (domingos). Distrito Federal: R\$ 3,60 (dias úteis) R\$ 4,40 (domingos). Demais estados: R\$ 4,20 (dias úteis) R\$ 5,10 (domingos)

**Exemplares atrasados:** Capital: Preço de capa - Demais localidades: preço de capa + postagem. Mais informações: Tels: (21) 2222-8086/2222-8136 - Central de Promoções - Av. Dom Hélder Câmara 164 Benfica, (Parque Gráfico O DIA) - das 9h às 17h.

**São Paulo:** Avenida Irajá 300 - Sala 306 - Indianópolis. CEP: 04082-000. Tels: 11 94704-2393 / 11 99623-7645 / 11 99973-8313.

**Brasília:** Tel: (61) 9920-91891.

**Promoções:** [promocoes@odia.com.br](mailto:promocoes@odia.com.br)  
**Classificados:** Tel: 2532-5000 / WhatsApp: 98762-8279 - De 2ª a 5ª das 9 às 18h e 6ª das 9h às 19h. Todos os cadernos de classificados somente circulam na cidade do Rio e no Grande Rio.

**Anúncios de Noticiário:** 2222-8191 / 2222-8631 / 2222-8388.

**Anúncios para o Interior:** 2222-8279 - Negociações com agência: 2222-8388.

**Outros estados:** 2222-8279- De 2ª a 6ª, das 10h às 18h.

**Atendimento ao jornalista:** 3891-6012 - De 2ª a 6ª, das 8h às 12h30 e das 13h30 às 17h.

**Editora O DIA LTDA.** Av. Dom Hélder Câmara, 164 Benfica - Rio de Janeiro - RJ.

**O DIA** é filiado ao Instituto Verificador de Circulação (IVC).